

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

d o
Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

IBECC
(Comissão Nacional da Unesco)

Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF. - Brasil

.....

A DANÇA DO RAMALHÃO

Comunicação feita à CNFL por Maria de Lourdes Borges Ribeiro, da Comissão Paulista de Folclore

Na serra da Mantiqueira, no Bairro da Pedrinha, município de Guaratinguetá, morava José Luis, um lavrador como tantos outros, que viviam do seu milho e do seu feijão. Mas, as secas contínuas já não lhe permitiam negociar como antes e se viu obrigado a procurar outros rumos. Muito devoto da Senhora Aparecida mudou-se para a sua cidade, com toda a família e começou a trabalhar como oleiro. No dia 7 de setembro de 1955, amigos e parentes que lá deixou vieram para a festa da Padroeira e foram visitar José Luis.

Gente da roça não viaja sem viola. Animado com a chegada do pessoal, José Luis resolveu cumprir uma promessa a São Gonçalo e convidou todo mundo.

Às sete horas da noite a salinha da frente já estava repleta de devotos. Um pequeno oratório com a imagem de São Gonçalo e de Nossa Senhora Aparecida. Em uma das paredes, uma desbotada bandeira de São João. Velas. Flores de papel. Um lampeão bojudo. Algumas poucas cadeiras.

Para iniciar, José Luis se postou defronte ao altar e explicou que ficara doente, com reumatismo e por isso recorrera a São Gonçalo, prometendo-lhe uma dança, por ser São Gonçalo o protetor dos que sofrem da perna. Esperava que todos participassem porque o Santo, se protege toda gente, ajuda muito mais os dançadores.

Feita a dança religiosa, foi cumprida a promessa num ambiente de recolhimento. José Luis deixou de ser circunspecto como convém a um agraciado e convidou todos para a "função", festa alegre, movimentada e ruidosa que se segue à devoção. A sala era pequena e os dançadores muitos. Porém, José Luis construiu uma "ramada", acompanhando a largura da casa. Fincou quatro esteios grandes nos cantos, barrotes pequenos para as três paredes, deixando a entrada livre e larga. Fôlhas de bananeira entreteceram os espaços laterais e serviram para a cobertura. Muito bonito, mas exigindo grande cuidado para não se apanhar nódoa na roupa. Um lampeão no terreiro e outro na entrada da ramada. "Não quadrejei a ramada para dar mais espaço", explicou José Luis.

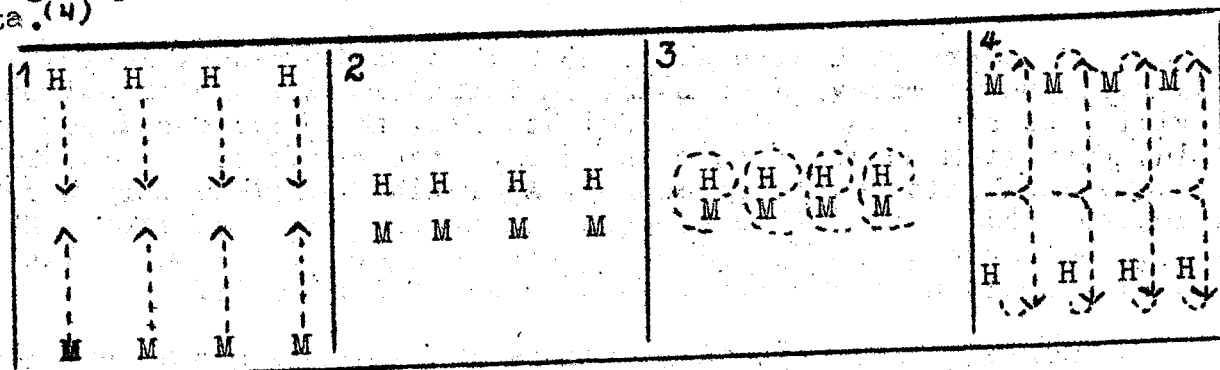
Os folgazes e cantadores se misturaram aos compadres e escolheram a primeira dança, que foi o "Ramalhão". O folgazeiro chefe tinha uma toalha sobre os ombros, segundo seu velho costume e trazia a viola enfeitada com fitas e uma flor de papel de seda. O auxiliar ostentava viola nova, "alumiando de envernizada" e dela tomando cuidados como de moça que todos cobiçam. Um pandeiro estava nas mãos ágeis de um rapazola.

Formaram duas filas, distantes mais ou menos dois metros, se defrontando: uma de homens e outra de mulheres.

Cantou o folgazão-chefe:

Passa daqui prá lá
prá depois passa prá cá.
A, a, minha moreninha,
prá depois passa prá cá.
E dá um balanceado
prá mode trocá o par.

Os dançadores, em número não limitado de pares, enquanto o violeiro cantava, acompanhado de ponteio de viola, aproximaram-se do centro, dançando, e dançando ficaram, defrontando o par, com o qual deram uma volta no penúltimo verso, dirigindo-se, depois, ao lugar que lhes correspondia, ao começo da dança, na fileira oposta.



A viola continuou repicando. Os dançadores fizeram pequeno e gracioso balanceado rodado em seus lugares (movimento de $1/4$ de volta para a direita e para a esquerda) enquanto os solistas foram surgindo, cantando, dentro da mesma melodia, versos conhecidos ou improvisados, que se alternavam com o refrão.

A troca de lugares se faz quando se canta o refrão, isto é, os versos que o folgazão-chefe cantou inicialmente. Observe-se que o último verso do refrão ordena a troca de par e o que se verifica é apenas a troca de lugar. Ter-se-ia modificado a forma primitiva?

A movimentação da dança é bastante simples, constando dos seguintes movimentos:

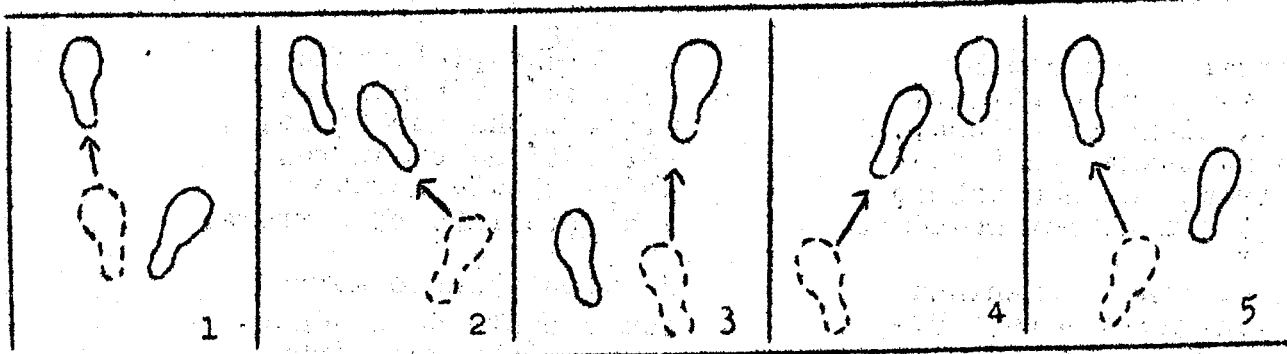
- 1º) passo à frente, com o pé esquerdo, no início da marcação do compasso.
- 2º) ponta do pé direito, avançando à altura do meio do pé esquerdo, após a metade do primeiro tempo.

Nessa posição completa-se o primeiro compasso, iniciando-se o segundo compasso, perfeitamente igual, variando apenas o pé e a sua ordem de colocação:

- 3º) passo à frente com pé direito;
- 4º) ponta do pé esquerdo avançando à altura do meio do pé direito, depois da metade do primeiro tempo.

O 5º movimento é o retorno ao primeiro, assim prosseguindo, conforme as indicações descritas.

A volta no penúltimo verso, para a troca de par, é feita em passo simples.



Alguns dançadores apóiam fortemente os pés no chão, enquanto outros, somente a ponta, ou então, fazem o seguinte: apóiam o pé que se movimenta em primeiro lugar no compasso, para o passo inteiro, conservando o outro apoiado apenas na ponta. Não há uniformidade, como verificamos, dependendo do gosto de cada dançador.

A disposição estrófica, aparentemente em forma de sextilha, não é mais que uma quadra acomodada da seguinte maneira:

- | | | |
|-----|----------------------------|---------------------------|
| 1º) | canta-se o primeiro verso | Eu tenho meu cavallinho |
| 2º) | canta-se o segundo verso | que se chama "roba moça" |
| 3º) | canta-se um verso "refrão" | a, a, minha moreninha, |
| 4º) | repete-se o segundo verso | que se chama "roba-moça", |
| 5º) | canta-se o terceiro verso | ontem mesmo eu robei uma |
| 6º) | canta-se o quarto verso | e amanhã vó robá outra. |

A sextilha é, pois, esta quadrinha:

Eu tenho meu cavallinho
que se chama "roba moça"
ontem mesmo eu robei uma
e amanhã vó robá outra.

O verso refrão: "a, a, minha moreninha" é sempre o 3º verso de todas as sextilhas. Há os que cantam: ai, ai, minha moreninha.

Registei vários solos:

A moda do Ramalão
ai, não se canta mais assim,
a, a, minha moreninha,
não se canta mais assim,
se canta daquele jeito
que meu bem cantou prá mim.

Alegrim da beira d'água
não se corta co machado,
a, a, minha moreninha,
não se corta co machado,
se corta co canivete
que tem o cabo dorado.

Já fui galo, já cantei,
já fui senhor do poleiro,
a, a, minha moreninha,
já fui senhor do poleiro,
agora sô desprezado
que nem cisco no terrero.

Todos os pinheiro se queixa
que dá pinha e não dá flor,
a, a, minha moreninha,
que dá pinha e não dá flor,
dentro do meu peito trago
pé de pinha e fruta em flor.

Eu prantei o roxo nágua,
e o azul ná beiradinha,
a, a, minha moreninha,
e o azul ná beiradinha,
quem quisé o roxo panhe
que o azul é pranta minha.

O campo verde se alegra
quando vê o sol nascê,
a, a, minha moreninha,
quando vê o sol nascê,
meu zóio também se alegra
quando está para te vê.

Lá no céu tem três estréla
cada um no seu lugá,
a, a, minha moreninha,
cada um no seu lugá,
uma é minha, a outra é vossa
e outra de quem for buscá.

Verde foi meu nascimento
que de luto me cobri,
a, a, minha moreninha,
que de luto me cobri,
para dar gosto no mundo
e os ares me consumi.

Amarrai o seu cabelo
 não me traga desatado,
 a, a, minha moreninha,
 não me traga desatado,
 na trança do seu cabelo
 trago o meu amor guardado.

Vem cá minha moreninha
 se achegue sem cuidado,
 a, a, minha moreninha,
 se achegue sem cuidado,
 eu quero te dá um beijo
 no meio de otros agrado.

A galinha pintadinha
 foi botá na bananera,
 a, a, minha moreninha,
 foi botá na bananera,
 os ovos saiu gorado
 e os pintinho na carreira.

No alto daquele morro
 tem o canto da saudade,
 a, a, minha moreninha,
 tem o canto da saudade,
 de lá eu voltei pra roça
 e ela foi para a cidade.

A música é em andamento moderado, gracioso. A tonalidade é maior (mi), como observou Mário de Andrade: "o maior domina violentamente na música popular brasileira".

A extensão tonal é de sexta menor.

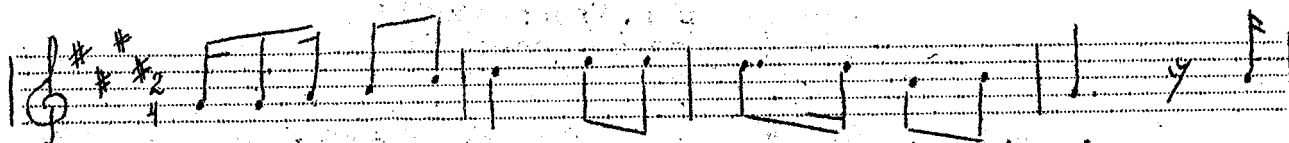
Há ausência da super-tônica.

Os intervalos preferenciais são os de segunda menor e segunda maior, registando-se poucos de terça.

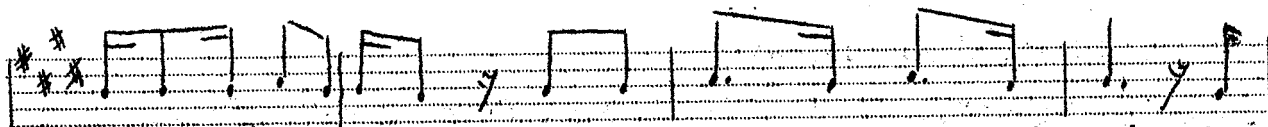
A melodia finaliza na medianta.

A melodia do verso-refrão e do verso seguinte apresenta - nos uma linha quase que inteiramente horizontal.

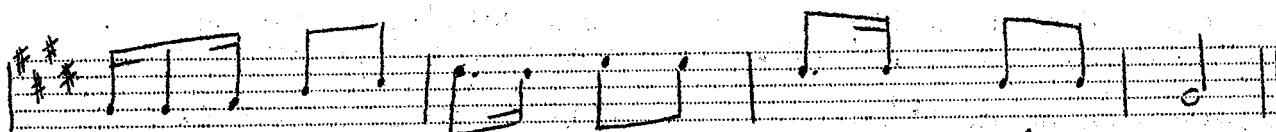
Registamos síncope em quatro compassos.



Passe daqui prá lá prá de - pois passá prá cá a,



a, minha moreninha, prá de - pois passá prá cá e



dá um ba-lan-ce - a-do prá mo - de tro - cá o par.

Foi esta a primeira vez que se observou a dança do Ramalhão em Aparecida do Norte e dela participaram não só elementos do Bairro da Pedrinha, onde morou José Luis, como diversos cunhenses, aqui residentes e que me informaram ser o Ramalhão dançado habitualmente nos bairros mais próximos de Cunha, de onde eram provenientes esses dançadores, sabendo os mesmos que em outros bairros mais distantes a mesma dança é conhecida, sendo idênticas a música e a coreografia, bem como a letra do refrão, variando a dos solos à vontade dos cantadores.

Não encontrei sobre o Ramalhão nenhuma referência no Dicionário do Folclore Brasileiro, de Luis da Câmara Cascudo; no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de A.J. de Macedo Soares; no Glossário das Principais Danças Brasileiras, do Folclore Coreográfico do Brasil, de Wilson Rodrigues; em Música Popular Brasileira, de Oneyda Alvarenga; em História da Música Brasileira, de Renato Almeida; no O Dialeto Caipira, de Amadeu Amaral, nos dicionários por-

tugueses de Torrinha, Moreno, Simões da Fonseca, Aulete, Lello e Seguíer. (Todos os dicionários portugueses consultados e o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso, contêm o termo Ramalhão como designativo de um ramo grande. Apenas o Lello ainda nos informa chamar-se Ramalhão uma quinta situada perto de Sintra, grande palácio, jardins, altos arvoredos e obras de arte. O palácio foi construído por ordem da Rainha D. Carlota Joaquina, que aí esteve exilada).

Tratando-se de uma dança da qual nenhuma descrição ou referência encontrei, ignoro seja esta a forma primitiva ou se modificações foram introduzidas no decorrer dos tempos, ou se possui variantes. Todos os dançadores a conhecem desde crianças e sempre viam pais e avós dançando o Ramalhão nas festas de roça.

- - - x - - -